

# OFERTA DE TRABALHO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO SEGUNDO EMPREGO

Priscila Casari<sup>1</sup>  
Carlos José Caetano Bacha<sup>2</sup>

Área ANPEC: economia do trabalho  
Classificação JEL: J22

## RESUMO

A oferta de trabalho no mercado secundário é formada pelos indivíduos que têm ou que gostariam de ter um segundo emprego. No Brasil, cerca de 4,41% dos trabalhadores ocupados têm dois empregos. Os objetivos deste artigo são diferenciar os trabalhadores que têm um emprego daqueles que têm dois empregos e analisar os determinantes da oferta de trabalho no mercado secundário brasileiro. Para tanto, são utilizados dados da PNAD de 2004 a 2009 e a população estudada é formada pelos ocupados com um ou dois empregos. Estatísticas descritivas são utilizadas para caracterizar os trabalhadores e seus rendimentos e a oferta de trabalho é estimada por meio de um modelo *tobit*. Os resultados indicam que, controlando as características socioeconômicas dos trabalhadores, o número de horas e o rendimento do trabalho principal, assim como o rendimento do não trabalho têm efeitos negativos sobre a oferta de trabalho, mas a heterogeneidade das ocupações, a estabilidade no emprego principal e o fato do trabalhador ser funcionário público aumentam a oferta de trabalho no mercado secundário brasileiro. Dados os resultados, sugere-se que a flexibilização da jornada de trabalho como forma de aumentar o bem-estar do trabalhador.

Palavras-chaves: oferta de trabalho, segundo emprego

## LABOR SUPPLY IN BRAZIL: AN ANALYSIS OF THE SECOND JOB

## ABSTRACT

The labor supply in the secondary market is formed by individuals who have or would like to have a second job. In Brazil, about 4.41% of employed workers have two jobs. The objectives of this article are to differentiate between workers who have one job from those who have two jobs and analyze the determinants of labor supply in the secondary labor market in Brazil. For this purpose, data from PNAD, 2004 to 2009, are used and the population studied is formed by workers occupied by one or two jobs. Descriptive statistics are used to characterize the workers and their incomes. Labor supply is estimated by a tobit model. The results indicate that, controlling for socioeconomic characteristics of workers, the number of hours of labor and income in the first job, as well as non work income have negative effects on labor supply, but the heterogeneity of occupations, job stability in first job and public jobs increase labor supply in the Brazilian secondary labor market. Given the results, it is suggested the flexibility of working hours in order to increase the well being of the worker.

Key-words: labor supply, second job

---

<sup>1</sup> Doutoranda em economia aplicada ESALQ-USP, professora assistente FACE-UFG. E-mail: pricasari@gmail.com

<sup>2</sup> Professor titular ESALQ-USP. E-mail: cjcbacha@esalq.usp.br

## OFERTA DE TRABALHO: UMA ANÁLISE DO SEGUNDO EMPREGO NO BRASIL

### 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílios (PNAD), de 2004 a 2009, 4,41% dos trabalhadores ocupados tinham dois empregos. Esse percentual representa, em média, mais de 3,9 milhões de trabalhadores por ano de pesquisa. Embora, o volume de trabalhadores seja expressivo, pouco se sabe sobre os fatores que levam o trabalhador brasileiro a ter mais de um emprego.

Segundo a literatura, a oferta de trabalho no mercado secundário depende, principalmente, da restrição do número de horas no emprego principal (SHISHKO; ROSTKER, 1976); da estabilidade no primeiro emprego (BELL; HART; WRIGHT, 1997 apud WU; BAIMBRIDGE; ZHU, 2008); e da heterogeneidade ocupacional entre os vários empregos (CONWAY; KIMMEL, 1998).

A restrição do número de horas no primeiro emprego faz com que o indivíduo que deseja trabalhar mais horas busque um segundo emprego. A estabilidade é relevante, pois a insegurança no emprego aumenta a oferta de trabalho, assim o segundo emprego pode atuar como um *hedge* contra o desemprego. E a heterogeneidade reflete as decisões de trabalhadores que não necessariamente têm benefícios pecuniários, como credenciais ou prazer, ou procuram um segundo emprego para complementar sua renda.

Os estudos brasileiros já realizados sobre o tema são de Machado e Machado (2007) e (2009) e de Menezes e Carrera-Fernandez (2001) e (2003). Os últimos autores pesquisam a segunda ocupação na Região Metropolitana de Salvador – BA, onde 8,7% dos ocupados tinham mais de um emprego no início dos anos 2000. Já Machado e Machado (2007) e (2009) abordam especificamente a questão da limitação da jornada de trabalho e o desejo dos trabalhadores de trabalhar horas adicionais.

As conclusões desses estudos sugerem que o segundo emprego seja uma alternativa para a necessidade de complementação da renda obtida com o emprego principal precário, mostrando a relevância social do estudo da oferta de trabalho no mercado secundário.

Dessa forma, este artigo procura diferenciar os trabalhadores que têm um emprego daqueles que têm dois empregos e analisar os determinantes da oferta de trabalho no mercado secundário brasileiro. Para atingir esses objetivos, são utilizados dados da PNAD de 2004 a 2009. Estatísticas descritivas são utilizadas para caracterizar os trabalhadores e seus rendimentos e um modelo tobit é estimado para a oferta de trabalho. Ressalta-se que a estimativa da oferta de trabalho no mercado secundário brasileiro e que a utilização da PNAD para esse fim são inéditas.

O artigo está dividido em mais cinco seções, além dessa introdução. A próxima seção expõe evidências sobre o segundo emprego no Brasil e em outros países; a terceira seção, o modelo teórico; em seguida apresenta-se a metodologia; os resultados estão na quinta seção e, por fim, as considerações finais encerram o trabalho.

### 2 EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS INTERNACIONAIS E NACIONAIS SOBRE O SEGUNDO EMPREGO

As evidências sobre o segundo emprego são bastante escassas para o Brasil e, também para outros países em desenvolvimento. A seguir, são sintetizadas as principais pesquisas e seus resultados.

Os estudos encontrados são, em geral, para países europeus e, eventualmente, africanos, citam-se: Polônia (BEDI, 1998), EUA (AVERETT, 2001), Canadá (FRIESEN, 2002), Rússia (GUARIGLIA; KIM, 2004), Reino Unido (BÖHEIM; TAYLOR, 2004), Alemanha (HEINECK; SCHWARZE, 2004) e Tanzânia (THEISEN, 2006).

Bedi (1998) investigou o papel dos diferenciais de rendimento entre os setores público e privado para explicar a escolha do setor e a decisão de ofertar trabalho no mercado secundário. Seus resultados indicam que há um grande diferencial entre o setor público e privado, que esses diferenciais são determinantes para a escolha do setor e que a probabilidade de ter um segundo emprego é maior entre os indivíduos com nível superior de educação, pois estes têm o maior diferencial de rendimento.

Averett (2001) focou o gênero como uma possível explicação para o segundo emprego, nos EUA. No entanto, os fatores que levam à oferta de trabalho no mercado secundário são os mesmos para homens

e mulheres e, além disso, 93% do diferencial de rendimento por gênero não é explicado por suas características individuais, há pouca relação com capital humano ou com o segundo emprego.

O tema também foi estudado por Friesen (2002) a partir da variação da regulação da jornada de trabalho e do pagamento por horas-extras nas diversas províncias no Canadá. A incidência de segundo emprego e de maiores rendimentos é encontrada nas localidades em que a jornada de trabalho é menor. Assim, a autora pôde concluir que a restrição do número de horas de trabalho não leva à maior distribuição do trabalho, pois o aumento do número de empregos gerados pela restrição da jornada não significa novos trabalhadores inseridos no mercado, uma vez que indivíduos que já tinham um emprego optam por mais um trabalho.

Na Rússia, Guariglia e Kim (2004) encontraram evidências de que o segundo emprego funciona como um mecanismo de auto-seguro que pode ser utilizado, assim como a poupança, de forma a suavizar o consumo em épocas de flutuações dos rendimentos.

A dinâmica do segundo emprego no Reino Unido foi pesquisada por Böheim e Taylor (2004) e por Heineck e Schwarze (2004). Os primeiros autores concluíram que o segundo emprego é persistente ao longo do tempo, sendo que cerca de 10% dos trabalhadores mantiveram seus múltiplos empregos de 1991 a 1998. Choques financeiros negativos alavancam a oferta de trabalho no mercado secundário, mas o segundo emprego não suaviza a oferta de trabalho ao longo do tempo e a heterogeneidade nas características do emprego se mostrou mais importante que a restrição de horas para determinar a oferta de trabalho.

Heineck e Schwarze (2004) compararam o Reino Unido à Alemanha. Segundo o estudo, os países apresentam o mesmo padrão, mas na Alemanha a probabilidade de os indivíduos que gostariam de trabalhar mais horas ter um segundo emprego é maior.

O único trabalho estrangeiro sobre um país não europeu e menos desenvolvido é de Theisen (2006), para a Tanzânia. No país, a maioria dos trabalhadores gostaria de trabalhar mais horas, formando um contingente de pessoas dispostas a ofertar mão-de-obra no mercado secundário. O autor avalia essa oferta de trabalho no setor informal, uma vez que o indivíduo tenha seu emprego principal no mercado formal. A participação no mercado secundário informal é inversamente correlacionada à renda e diretamente, à idade.

No Brasil, Menezes e Carrera-Fernandez (2001) e (2003) pesquisam a segunda ocupação na Região Metropolitana de Salvador – BA, utilizando dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego na região Metropolitana de Salvador (PED-RMS). No primeiro artigo, os autores exploram o caráter dual da segunda ocupação, que é evidenciado na estrutura da remuneração. O nível de escolaridade dos trabalhadores, fator que mais influencia a renda, permite distinguir tal estrutura, mostrando que o segundo emprego existe tanto entre os indivíduos com alta escolaridade, quanto entre os indivíduos com baixa escolaridade. Assim, o segundo emprego não está somente relacionado à pobreza, mas também à incapacidade do rendimento principal prover o sustento familiar dentro dos padrões desejados.

No segundo artigo, Menezes e Carrera-Fernandez (2003) mostram os condicionantes da segunda ocupação, estimando um logit. O número de horas e o rendimento no trabalho principal, bem como o fato do trabalhador ser do sexo masculino tiveram impactos negativos sobre a probabilidade da segunda ocupação, enquanto o número de horas no trabalho adicional, ser chefe da família e assalariado apresentaram efeitos positivos. Escolaridade, idade, cor e estabilidade no emprego não foram estatisticamente significativos em afetar a probabilidade de o trabalhador ter um segundo emprego.

Machado e Machado (2007) e (2009) pesquisam a subocupação por insuficiência de horas trabalhadas no Brasil, a partir dos dados da Pesquisa Mensal do Emprego (PME). As autoras mostram que a taxa de subocupação passa de 6,8% dos trabalhadores ocupados em 2002 para 7,4%, em 2006, sendo que os trabalhadores que desejavam trabalhar mais horas tinham ocupações que exigiam menor nível de qualificação e com menor rendimento. O percentual de subocupados, no período, foi maior em Recife e em Salvador, indicando condições de trabalho não satisfatórias. Além disso, a tendência da taxa de subocupação no Brasil é similar ao desemprego.

A taxa de subocupação não reflete diretamente o segundo emprego, mas é importante na medida em que, dado o desejo de se trabalhar mais, um dos determinantes da segunda ocupação é a restrição no número de horas do emprego principal.

Não há um estudo sobre o mercado de trabalho para as pessoas que têm mais de um emprego no Brasil que considere o país como um todo, assim, esse artigo, ao descrever essa mão de obra e estimar a oferta de trabalho, contribui para a análise do segundo emprego, que se baseia no modelo teórico apresentado na próxima seção.

### 3 MODELO TEÓRICO DA OFERTA DE TRABALHO NO MERCADO SECUNDÁRIO

A pessoa que tem dois ou mais empregos participa de um mercado de trabalho secundário. O modelo teórico para essa oferta de trabalho foi desenvolvido, inicialmente, por Shishko e Rostker (1976).

A figura 1 mostra um conjunto de curvas de indiferença (curvas  $\Omega_0, \Omega_1, \Omega_2, \Omega_3$ ) para combinações de lazer e renda. O ponto A, no eixo vertical, é o máximo de renda e o ponto B, no eixo horizontal, o máximo de lazer possível por período. A reta AB indica as possíveis trocas entre lazer e renda (o equivalente à restrição orçamentária do consumidor). E a tangente da reta AB representa a taxa a que lazer é trocado por renda no mercado de trabalho.

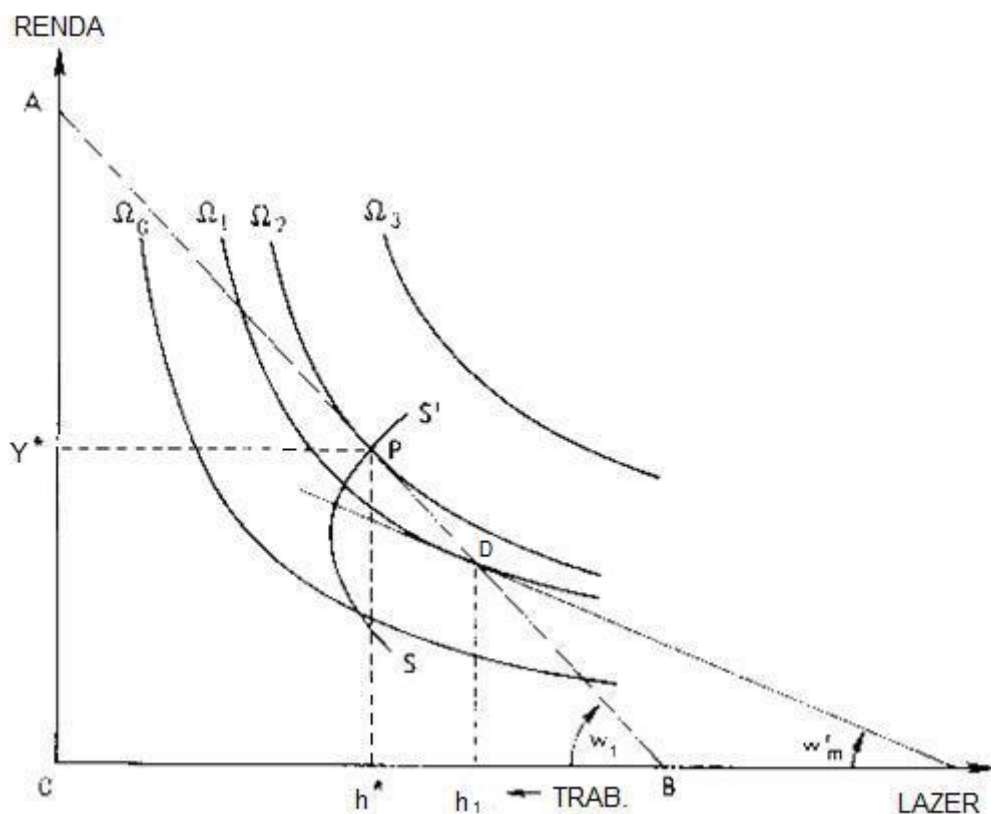


Figura 1. Maximização da utilidade com e sem restrições de horas de trabalho no emprego principal  
 Fonte: Shishko e Rostker (1976), adaptada pelos autores.

Assim, para maximizar a utilidade, o indivíduo escolhe o número de horas de trabalho para o qual o rendimento seja igual à taxa marginal de substituição entre lazer e trabalho, ponto P, sendo que a curva  $SS'$  é a oferta de trabalho individual<sup>3</sup>.

Mas, se houver restrição ao número de horas de trabalho no primeiro emprego, por exemplo  $h_1$ , enquanto o indivíduo gostaria de trabalhar  $h^* - h_1$  horas adicionais, então o indivíduo encontra-se no ponto D.

Dessa forma, o problema de maximização da utilidade depende de restrições de consumo e tempo. Se a função utilidade de um indivíduo representativo é:

$$U = U(C, L)$$

<sup>3</sup> A curva  $SS'$  é obtida alterando-se a taxa marginal de substituição entre trabalho e lazer.

em que  $C$  é o consumo e  $L$ , o lazer.

Cada indivíduo oferta  $h_1$  horas de trabalho e recebe  $w_1$  de rendimento em seu emprego principal. No segundo emprego, o número de horas e o rendimento são  $h_2$  e  $w_2$ , respectivamente, sendo que  $h$  e  $w$  são dados. Há duas restrições, de consumo e de tempo, as quais são:

$$\begin{aligned}C &= h_1 w_1 + h_2 w_2 + Y' \\T &= h_1 + h_2 + L\end{aligned}$$

em que  $Y'$  é a renda do não trabalho e  $T$ , o tempo total disponível.

Pelas condições de primeira ordem:

$$w_1 = w_2 = \frac{\frac{\partial U}{\partial L}}{\frac{\partial U}{\partial C}} = 0$$

Se  $w_2 > \frac{\frac{\partial U}{\partial L}}{\frac{\partial U}{\partial C}}$ , o número de horas de trabalho no segundo emprego aumenta e se  $w_2 < \frac{\frac{\partial U}{\partial L}}{\frac{\partial U}{\partial C}}$ , o

número de horas de trabalho no segundo emprego diminui. O mesmo ocorre com o primeiro emprego.

No equilíbrio de longo prazo,  $w_1 = w_2$ , mas caso  $w_2 > w_1$ , o indivíduo poderá trabalhar ainda mais horas no segundo emprego do que desejava inicialmente; se  $w_2$  estiver entre  $w'_m$  (salário de reserva para o segundo emprego) e  $w_1$ , o total de horas trabalhadas no emprego adicional será menor que o número de horas desejadas no emprego principal; e, caso  $w_2 < w_1$ , a razão mais importante para que haja segundo emprego é a restrição de horas no trabalho principal.

Dessa forma, ao procurar atingir um determinado nível de renda, segundo o *target income model*, estes trabalhadores determinam a alocação de trabalho em diferentes empregos para obter a renda desejada.

Bell, Hart e Wright (1997 apud WU; BAIMBRIDGE; ZHU, 2008) afirmam que a insegurança no emprego aumenta a oferta de trabalho no mercado secundário. Assim, o segundo emprego pode atuar como um hedge contra o desemprego.

Para Lundborg (1995), os indivíduos que têm amenidades associadas ao seu emprego principal têm maior probabilidade de ter um segundo emprego. As amenidades estão associadas à compensação de diferenciais de rendimento, fazendo com que, mesmo se o rendimento estiver abaixo daquele que o indivíduo poderia receber, o trabalhador tende a não deixar o emprego, pois se beneficia das amenidades. Isso normalmente ocorre com artistas, que se beneficiam em atividades que possam mostrar seu talento, ou trabalhadores manuais, que podem manter sua tradição.

E Conway e Kimmel (1998) desenvolvem um modelo em que incluem a heterogeneidade nos empregos como um dos determinantes da oferta de trabalho no mercado secundário. Diferentes empregos, em geral, não são substitutos perfeitos e o rendimento e a utilidade perdida devido ao menor tempo de lazer pode não refletir os custos e benefícios do trabalho. Por exemplo, o primeiro emprego pode credenciar o indivíduo a receber um rendimento maior no segundo ou o trabalhador pode ter um rendimento menor no segundo emprego, mas ter mais prazer em seu trabalho. Assim, quando há benefícios não pecuniários, o comportamento maximizador pode levar a um equilíbrio com dois empregos.

Esses estudos mostram que características dos empregos como o rendimento, a heterogeneidade e a estabilidade influenciam a oferta de mão de obra no mercado secundário. Na próxima seção, apresenta-se a metodologia utilizada e as variáveis analisadas, que incluem não só as características dos empregos, mas também dos trabalhadores.

## 4 METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, são utilizados dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD - IBGE) de 2004 a 2009, agregados como um *pooled*. A população estudada é formada pelos ocupados com um ou dois empregos, as pessoas com três empregos não participam do estudo, pois não há dados sobre sua ocupação.

Inicialmente, as características do emprego e dos trabalhadores são descritas. Estas características são:

- **Horas de trabalho por mês no emprego principal;**
- **Horas de trabalho por mês no emprego secundário;**
- **Rendimento por hora no emprego principal:** rendimento em Reais, por hora, no primeiro emprego, deflacionado pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) para setembro de 2009<sup>4</sup>;
- **Rendimento por hora no emprego secundário:** rendimento em Reais, por hora, no segundo emprego, deflacionado pelo INPC para setembro de 2009;
- **Rendimento do não trabalho:** rendimento total do indivíduo menos os rendimentos do trabalho, em Reais, deflacionado pelo INPC para setembro de 2009;
- **Heterogeneidade:** *dummy* igual a 1 para ocupações heterogêneas e 0 para as demais. A heterogeneidade foi criada considerando os dois primeiros níveis de agregação da Relação de Códigos de Ocupação da PNAD<sup>5</sup>;
- **Estabilidade:** número de meses que o trabalhador está em seu primeiro emprego;
- **Funcionário público:** *dummy* igual a 1 para trabalhadores que são funcionários públicos em pelo menos um de seus empregos;
- **Desempregado no domicílio:** *dummy* igual a 1 para trabalhadores que têm, em seu domicílio, pelo menos um desempregado;
- **Número de crianças no domicílio:** número de crianças menores de 10 anos presentes no domicílio;
- **Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste:** *dummies* para as regiões do Brasil;
- **Zona Urbana:** *dummy* igual a 1 para zona urbana e 0 para zona rural;
- **Região metropolitana:** *dummy* igual a 1 para regiões metropolitanas e 0 para as demais;
- **Idade:** idade medida em anos;
- **Sexo masculino:** *dummy* igual a 1 para sexo masculino e 0 para feminino;
- **Branco, preto, pardo, amarelo e indígena:** *dummies* para cores;
- **Escolaridade:** anos de escolaridade;

As estatísticas descritivas são feitas para os trabalhadores com um emprego e com dois empregos e a diferença entre as médias para um e dois empregos são testadas pela estatística t.

Para as estatísticas descritivas da heterogeneidade entre as ocupações, estas foram divididas em grupos:

- **Grupo 0:** membros das forças armadas e auxiliares
- **Grupo 1:** dirigentes em geral
- **Grupo 2:** profissionais das ciências e das artes
- **Grupo 3:** técnicos de nível médio
- **Grupo 4:** trabalhadores de serviços administrativos
- **Grupo 5:** trabalhadores dos serviços, vendedores e prestadores de serviços do comércio
- **Grupo 6:** trabalhadores agrícolas
- **Grupo 7:** trabalhadores da produção de bens e serviços, industriais e de reparação e manutenção
- **Grupo 8:** ocupações mal definidas

---

<sup>4</sup> O INPC foi escolhido para a correção dos rendimentos, pois, segundo IBGE, constitui uma aproximação da variação do custo de vida no Brasil para manter o padrão de vida das famílias que recebem entre um e seis salários mínimos.

<sup>5</sup> A lista dos grupos de ocupações considerados para a criação da *dummy* de heterogeneidade está no apêndice.

Em seguida, procedem-se duas estimativas, do rendimento do segundo emprego e da heterogeneidade. As simulações são necessárias, pois estas variáveis só existem para quem têm dois empregos e, na realidade, quando o indivíduo decide ofertar sua mão-de-obra no mercado secundário, já têm preferência por ocupações e expectativa do rendimento.

Para o rendimento, é estimada uma regressão por mínimos quadrados para aqueles que têm dois empregos. Então, o rendimento do segundo emprego é previsto para os que têm somente um emprego, e aos valores previstos adiciona-se um termo aleatório com média 0 e desvio-padrão  $\sigma^2$ .

A *dummy* de heterogeneidade das ocupações é simulada a partir de um *logit* para os indivíduos que têm dois empregos. A probabilidade de heterogeneidade é prevista para aqueles que têm um emprego e, depois, é transformada em uma *dummy*, mantendo-se constante a proporção de empregos heterogêneos, que é: 0,67125. Para tanto, determina-se o ponto de corte<sup>6</sup>, 0,71005, de tal forma que:

$$Heterogeneidade = \begin{cases} 1, & \text{se } prob \geq \text{ponto de corte} \\ 0, & \text{se } prob < \text{ponto de corte} \end{cases}$$

Os resultados das duas regressões encontram-se nas tabelas 6 e 7 no apêndice.

Por fim, a oferta de trabalho é estimada por meio de um *tobit*, como apresentado a seguir:

$$y_i^* = \beta' x_i + \epsilon_i$$

$$y_i = \begin{cases} y_i^*, & \text{se } y_i^* > 0 \\ 0, & \text{se } y_i^* = 0 \end{cases}$$

Se  $y_i$  é oferta de trabalho no mercado secundário, então assume o valor 0 para todos os que têm um emprego e é o número de horas ofertadas para os que têm mais de um emprego, ou seja, o modelo é adequado para amostras censuradas, como é, claramente, o caso do segundo emprego. E, dada a censura, o efeito marginal calculado é:

$$\frac{\partial E[y_i|x_i]}{\partial x_i} = \beta \Phi \left( \frac{\beta' x_i}{\sigma} \right)$$

A próxima seção apresenta os resultados do artigo.

## 5 RESULTADOS

Nesta seção, são analisadas, inicialmente, as estatísticas descritivas dos trabalhadores com um ou dois empregos de modo a diferenciá-los; em seguida, é realizada a estimativa da oferta de trabalho no mercado secundário.

### 5.1 Estatísticas descritivas dos trabalhadores com um ou dois empregos

A evolução do percentual de trabalhadores ocupados que têm segundo emprego é apresentada no gráfico 1.

<sup>6</sup> Para mais informações sobre a determinação do ponto de corte, ver Sharma (1996, p. 255, 326 e 327)

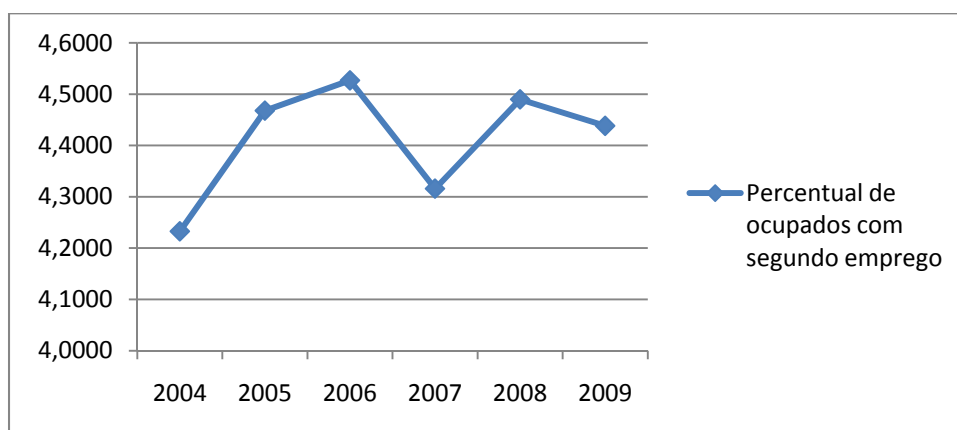


Gráfico 1. Evolução do percentual de trabalhadores ocupados com segundo emprego

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da PNAD (2004-2009)

De 2004 a 2009, o percentual de trabalhadores ocupados com segundo emprego se manteve em torno da média de 4,41%. O percentual mais baixo foi no ano de 2004, em que 4,23% dos ocupados tinham dois empregos, em seguida, o percentual se elevou em 2005 e chegou ao maior valor em 2006, atingindo 4,53%. Em 2007, houve queda da participação relativa de trabalhadores com dois empregos para 4,32% dos ocupados e, novamente, aumento da mão de obra no mercado secundário em 2008. Em 2009, houve uma ligeira queda, chegando a 4,44% dos ocupados.

No período de 2004 a 2007, há crescimento do rendimento do emprego principal por hora. Já entre 2007 e 2009, observa-se redução do crescimento deste rendimento. Assim, a queda no segundo emprego em 2007 pode ser devido ao maior rendimento no emprego principal e o crescimento do segundo emprego a partir de 2008 pode ser uma resposta para a queda do crescimento do rendimento no trabalho principal.

A tabela 1 mostra algumas características do trabalho e do domicílio, para todo Brasil, nos anos de 2004 a 2009.

Tabela 1. Características do trabalho e do domicílio dos trabalhadores ocupados com um ou dois empregos no Brasil

Características	Trabalhadores que têm 1 emprego		Trabalhadores que têm 2 empregos	
	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
Horas de trabalho por mês no emprego principal	158,7332	58,5470	135,8115	55,7099
Horas de trabalho por mês no emprego secundário			78,4048	47,6767
Rendimento por hora no emprego principal	5,7643	16,1828	10,2954	35,1367
Rendimento por hora no emprego secundário			12,9343	43,5304
Rendimento do não trabalho	88,0667	49,2849	107,3573	108,9418
Heterogeneidade			0,6713	0,4698
Estabilidade	7,5345	9,3966	9,5076	9,5443
Funcionário público	0,0634	0,2436	0,2062	0,4046
Desempregado no domicílio	0,1128	0,3163	0,0765	0,2657
Número de crianças no domicílio	0,6174	0,9153	0,6178	0,9091

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da PNAD (2004-2009)

A média de horas de trabalho no emprego principal é menor para quem tem dois empregos do que quem tem um emprego, 135,81 e 158,73 horas/mês, respectivamente. Esse resultado é esperado, pois, a restrição no número de horas no emprego principal é uma das principais causas para se ter um segundo emprego.



Além disso, a média das horas de trabalho no segundo emprego é menor que no primeiro e o rendimento por hora no primeiro emprego é menor que no segundo, o que sugere que o rendimento no segundo emprego está entre  $w'_m$  e  $w_1$ . No entanto, o rendimento médio no segundo emprego é maior que no emprego principal, indicando que pode haver benefícios não pecuniários no primeiro emprego.

Comparando as pessoas com um e dois empregos, percebe-se que tanto o rendimento do trabalho principal quanto do não trabalho estão abaixo daqueles obtidos por quem têm dois empregos e, talvez, a causa seja a diferença na escolaridade, que é exposta na tabela 4.3.

Quanto à heterogeneidade nas ocupações, 67,13% dos que têm mais de um emprego trabalham em ocupações diferentes, o que pode representar uma preferência do trabalhador por uma atividade ou, ainda, benefícios não pecuniários.

A estabilidade no primeiro emprego é menor entre os que têm apenas um emprego. Esta evidência difere do esperado, pois o segundo emprego é também uma forma de proteção contra riscos, como, por exemplo, de perder o emprego principal e acreditava-se, *a priori*, que a probabilidade de isto ocorrer seja menor entre os que têm mais tempo no mesmo emprego. Este dado pode, então, sugerir que mesmo os que têm mais estabilidade não consigam obter a renda suficiente para seus padrões de vida desejados em um só emprego ou ainda que tenham uma segunda ocupação que lhes traga maior bem-estar.

O fato de a média de estabilidade ser maior entre aqueles que têm dois empregos também apontou uma possibilidade diferente das evidências internacionais, ou seja, que haja mais funcionários públicos entre a população que têm mais de um emprego. No Brasil, 20,62% dos trabalhadores que têm mais de um emprego são funcionários públicos, enquanto apenas 6,34% dos que têm um emprego trabalham para o Estado. Esse resultado pode sugerir que os trabalhadores busquem o emprego público como uma garantia de estabilidade, mas que tenham um segundo emprego como uma forma de satisfação pessoal.

Outra variável testada foi se há desempregados no domicílio, pois o segundo emprego poderia servir como uma forma de manter a renda do domicílio, no caso de um dos trabalhadores residentes no domicílio perder seu emprego. No entanto, há menos domicílios com desempregados entre aqueles que têm mais de um emprego.

E o número de crianças existente no domicílio é uma variável importante para a decisão de entrar no mercado de trabalho, principalmente para as mulheres. Observa-se, na tabela 1, que a média dessa variável não é estatisticamente diferente para os dois grupos<sup>7</sup> (os que têm um emprego versus os que têm dois empregos), sugerindo que, uma vez empregado, o número de crianças não influencie o número de empregos.

Para observar melhor como se dá a heterogeneidade entre as ocupações, a tabela 2 mostra a distribuição percentual dos trabalhadores entre os grupos ocupacionais mais agregados da PNAD (grupos de 0 a 8 especificados na metodologia).

---

<sup>7</sup> Todas as médias foram avaliadas por meio da estatística t.

Tabela 2. Distribuição percentual dos trabalhadores, com um ou dois empregos, entre os grupos ocupacionais, no Brasil

Grupos ocupacionais	Trabalhadores que têm 1 emprego	Trabalhadores que têm 2 empregos	
	emprego principal	emprego principal	emprego secundário
0	0,85	1,15	0,06
1	4,95	6,25	5,3
2	5,93	19,82	20,39
3	7,17	10,93	10,25
4	8,79	5,76	3,39
5	30,92	24,39	27,92
6	17,91	18,82	20,26
7	23,46	12,87	12,41
8	0,02	0,01	0,02

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da PNAD (2004-2009)

Entre os trabalhadores que têm somente um emprego, os grupos 5, 7 e 6 concentram 72,29% dos trabalhadores. A maioria pertence ao grupo 5 – trabalhadores dos serviços, vendedores e prestadores de serviços do comércio, seguidos do grupo 7 – trabalhadores da produção de bens e serviços, industriais e de reparação e manutenção e do grupo 6 – trabalhadores agrícolas.

Já entre os trabalhadores com dois empregos, há menor concentração e o segundo maior grupo do emprego principal é o grupo 2 – profissionais das ciências e das artes, em que está a maioria das ocupações típicas de quem tem ensino superior. O emprego secundário segue distribuição semelhante ao principal.

A forma como se distribuem os trabalhadores com dois empregos por grupos ocupacionais do emprego secundário para cada grupo ocupacional do emprego principal está no gráfico 2<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> O detalhamento dos dados utilizados para fazer o gráfico está na tabela 5 no apêndice.

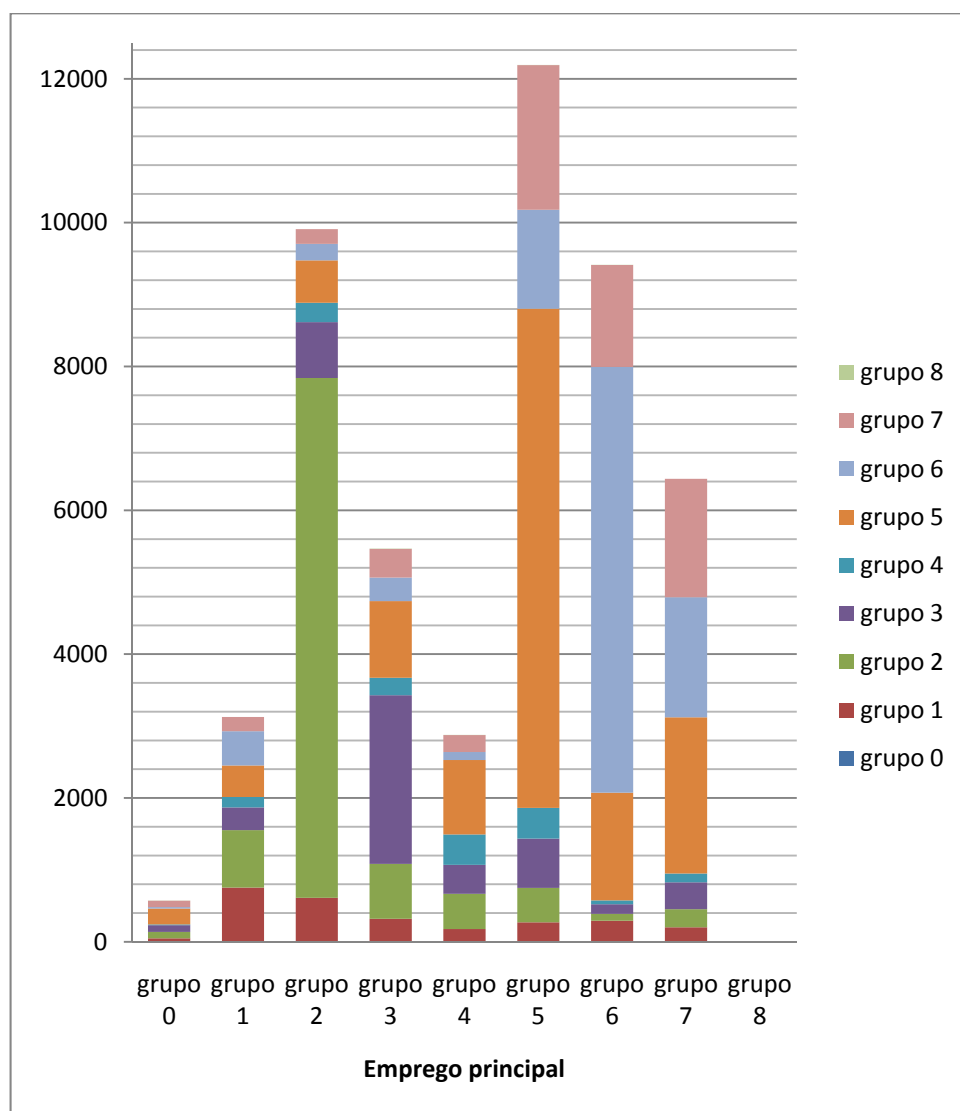


Gráfico 2. Número de trabalhadores da amostra com dois empregos por grupos ocupacionais do emprego secundário para cada grupo ocupacional do emprego principal, no Brasil

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da PNAD (2004-2009)

Neste gráfico, os grupos ocupacionais são apresentados no eixo horizontal, enquanto o eixo vertical mede o número de trabalhadores em cada grupo ocupacional do segundo emprego. Por exemplo, o total de trabalhadores da amostra que tem sua ocupação principal no grupo 6 - trabalhadores agrícolas é 9.413, sendo que desses trabalhadores:

- nenhum têm ocupação secundária no grupo 0 - membros das forças armadas e auxiliares;
- 294 têm ocupação secundária no grupo 1 - dirigentes em geral;
- 96 têm ocupação secundária no grupo 2 - profissionais das ciências e das artes;
- 132 têm ocupação secundária no grupo 3 - técnicos de nível médio;
- 53 têm ocupação secundária no grupo 4 - trabalhadores de serviços administrativos;
- 1.499 têm ocupação secundária no grupo 5 - trabalhadores dos serviços, vendedores e prestadores de serviços do comércio;
- 5.919 têm ocupação secundária no grupo 6 - trabalhadores agrícolas;
- 1.419 têm ocupação secundária no grupo 7 - trabalhadores da produção de bens e serviços, industriais e de reparação e manutenção;
- e 1 tem ocupação secundária no grupo 8 - ocupações mal definidas.

Assim, dos trabalhadores da agropecuária, 37,12% têm emprego secundário em outros grupos ocupacionais (que não o grupo 6), ou seja, esses trabalhadores apresentam pouca heterogeneidade

ocupacional. O mesmo ocorre com os grupos 2 e 5, nos quais a heterogeneidade representa menos de 50% dos casos em cada grupo.

Na tabela 3, encontram-se outras informações específicas sobre as características dos trabalhadores.

Tabela 3. Características socioeconômicas dos trabalhadores ocupados com um ou dois empregos no Brasil

Características	Trabalhadores que têm 1 emprego		Trabalhadores que têm 2 empregos	
	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
Idade	36,6029	13,9539	38,7422	11,7952
Sexo	0,5760	0,4942	0,5773	0,4940
Branco	0,4632	0,4986	0,4861	0,4998
Preto	0,0771	0,2668	0,0715	0,2577
Pardo	0,4525	0,4977	0,4347	0,4957
Amarelo	0,0042	0,0648	0,0045	0,0669
Indígena	0,0029	0,0540	0,0031	0,0558
Escolaridade	7,5943	4,3923	8,9411	5,0164
Norte	0,1279	0,3340	0,1264	0,3324
Nordeste	0,2986	0,4576	0,3705	0,4829
Centro-Oeste	0,1134	0,3171	0,0861	0,2804
Sudeste	0,2954	0,4562	0,2556	0,4362
Sul	0,1648	0,3710	0,1614	0,3679
Zona urbana	0,8208	0,3835	0,7770	0,4162
Região metropolitana	0,3637	0,4811	0,3050	0,4604

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da PNAD (2004-2009)

A distribuição dos trabalhadores que têm um ou dois empregos nas regiões do país é bastante semelhante, sendo que a média não é estatisticamente diferente para a região Norte. Nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul há uma maior proporção de trabalhadores com um emprego e, na região Nordeste há proporção maior de indivíduos com dois empregos, 37,05% frente a 29,86% com um emprego. A proporção maior de pessoas com mais de um emprego no Nordeste pode ser devido à pobreza e à necessidade de complementação da renda.

Na zona urbana, há, proporcionalmente, menos trabalhadores com dois empregos, relativamente à zona rural, enquanto a proporção de trabalhadores que têm um emprego e vive na zona urbana é de 82,08%, a proporção de trabalhadores que têm dois empregos e vive nessa região é de 77,70%. E, uma vez que, na zona rural, a população tem menor renda e exerce trabalhos mais artesanais, a existência de dois empregos pode estar também relacionada à pluriatividade<sup>9</sup> das famílias. O mesmo ocorre em regiões metropolitanas e talvez isso ocorra devido à qualidade do emprego principal. Outro fator que pode inibir o segundo emprego em regiões metropolitanas é a dificuldade e o tempo necessário para se deslocar de um emprego para o outro.

Outras características avaliadas na tabela 3 são a idade, o sexo e a cor dos trabalhadores. Comparando-as, percebe-se que as pessoas que ofertam sua mão-de-obra no mercado secundário são, em média, dois anos mais velhas do que os que têm um emprego, indicando que a experiência no mercado de trabalho pode ser relevante para se ofertar mão de obra no mercado secundário.

<sup>9</sup> Uma família é pluriativa se morar na zona rural, exercer atividade agropecuária, mas pelo menos um de seus membros trabalhar em atividade não agropecuária.

Nesse mercado, há também um percentual maior de brancos, amarelos e indígenas em relação aos que só têm um emprego. Já em relação ao sexo, o teste de médias indica que não há diferença entre os que têm um ou dois empregos.

Por outro lado, a escolaridade média é bastante diferente: 7,59 anos e 8,94 anos para os trabalhadores com um emprego e dois empregos, respectivamente. O gráfico 3 apresenta a distribuição percentual dos trabalhadores por nível de escolaridade.

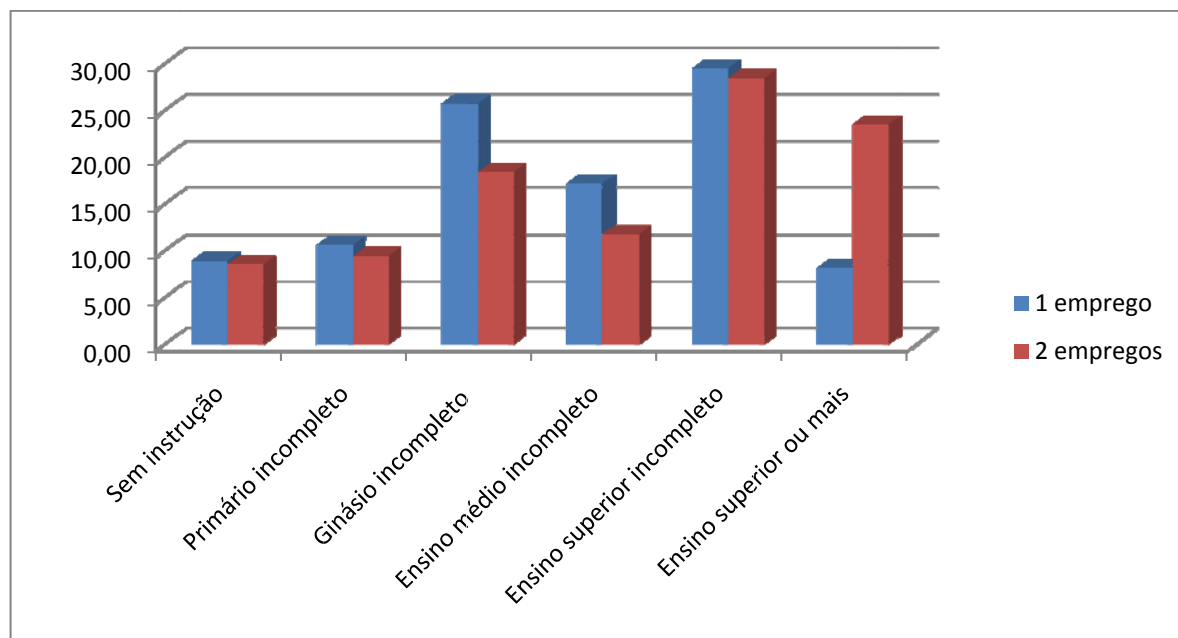


Gráfico 3. Distribuição percentual dos trabalhadores com um ou dois empregos por nível de escolaridade, no Brasil

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da PNAD (2004-2009)

Se separada por níveis, a análise da escolaridade mostra que, em níveis mais baixos de escolaridade, há menor proporção de trabalhadores com dois empregos e entre as pessoas com ensino superior ou mais, a situação se inverte. Isso pode ser reflexo da maior facilidade que profissionais com ensino superior tenham de obter empregos.

Na próxima seção, são apresentados os resultados estimados da oferta de trabalho no mercado secundário.

## 5.2 Estimativa da oferta de trabalho no mercado secundário

Os resultados da modelo *tobit*, utilizado para estima os determinantes da oferta de trabalho no mercado secundário estão na tabela 4.

Tabela 4. Resultados da estimativa da oferta de trabalho no mercado secundário no Brasil

					Observações	979.190
					LR Chi2 (24)	42821,28
					Prob > Chi2	0,0000
					Pseudo R2	0,0478
Variáveis	Coefficiente	Erro Padrão	Efeito Marginal	Erro Padrão		
Horas de trabalho por mês no emprego principal	-0,9009	0,0079	-0,1148	0,0010	*	
Rendimento por hora no emprego principal	-0,0705	0,0155	-0,0090	0,0020	*	
Rendimento por hora no emprego secundário	0,7174	0,0176	0,0914	0,0022	*	
Rendimento do não trabalho	-0,0039	0,0005	-0,0005	0,0001	*	
Heterogeneidade	88,6803	1,0673	11,0307	0,1282	*	
Estabilidade	0,6365	0,0458	0,0811	0,0058	*	
Funcionário público	70,5705	1,1501	9,9761	0,1778	*	
Desempregado no domicílio	-25,6984	1,2690	-3,1714	0,1514	*	
Número de crianças no domicílio	5,8462	0,4080	0,7450	0,0520	*	
Idade	0,6964	0,0353	0,0887	0,0045	*	
Sexo	-20,2220	0,9179	-2,5941	0,1186	*	
Branco	0,3647	0,8031	0,0465	0,1024		
Escolaridade	7,9877	0,1097	1,0179	0,0138	*	
Sudeste	-1,1048	1,1529	-0,1407	0,1467		
Nordeste	14,2720	1,1662	1,8375	0,1516	*	
Norte	-5,6762	1,4278	-0,7182	0,1794	*	
Centro-Oeste	-23,8641	1,4995	-2,9512	0,1798	*	
Zona Urbana	-67,7468	1,0676	-9,4195	0,1593	*	
Região metropolitana	-10,5425	0,8294	-1,3382	0,1048	*	
2005	3,2626	1,2575	0,4173	0,1614	*	
2006	1,8555	1,2513	0,2369	0,1601		
2007	1,0648	1,2698	0,1359	0,1622		
2008	-0,6051	1,2640	-0,0771	0,1609		
2009	-1,4425	1,2613	-0,1835	0,1602		
Constante	-222,3052	2,6131			*	
Sigma	160,3369	0,6514				

\* Significante no nível de 1%

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da PNAD (2004-2009)

Por último, a estimativa da oferta de trabalho no mercado secundário permite analisar os efeitos de características dos trabalhadores e do emprego conjuntamente. O número estimado de horas ofertadas no mercado secundário para cada trabalhador é 63,84.

Quanto à magnitude dos efeitos marginais<sup>10</sup>, entre as características do emprego e do trabalho, um aumento de uma hora de trabalho e de R\$1,00 nos rendimentos por hora no trabalho principal diminuem a oferta de trabalho em 0,12 e 0,01 hora. Já um aumento no rendimento do não trabalho tem efeito muito

<sup>10</sup> Calculados sobre a média no caso de variáveis contínuas.

pequeno, porém negativo. Por outro lado, quanto maior o rendimento no emprego secundário, maior a oferta de trabalho neste mercado. Um aumento de R\$ 1,00 no rendimento, eleva a oferta em 0,09 hora.

Esses resultados estão de acordo com o modelo apresentado por Shishko e Rostker (1976), pois mostram que o baixo rendimento do não trabalho e do emprego principal, assim como a limitação de horas adicionais no emprego principal levam ao aumento da oferta de mão de obra no mercado secundário.

Outro argumento teórico que se confirma no Brasil é de Conway e Kimmel (1998), pois o fato das ocupações serem heterogêneas aumenta a oferta em 11,03 horas, indicando que benefícios não pecuniários do trabalho.

Já a estabilidade não se comporta como esperado por Bell, Hart e Wright (1997 apud WU; BAIMBRIDGE; ZHU, 2008), que afirmam que a insegurança no emprego aumenta a oferta de trabalho no mercado secundário. No Brasil, um aumento de um mês na estabilidade do trabalhador no emprego principal tem efeito positivo de 0,08 hora e, se o trabalhador for funcionário público, sua oferta de trabalho no mercado secundário aumenta 9,98 horas. Acredita-se que esses efeitos são positivos, pois os trabalhadores brasileiros aceitam empregos mais estáveis, especialmente no setor público, mesmo quando podem obter maiores rendimentos ou um trabalho mais prazeroso em um segundo emprego.

Ter desempregados no domicílio diminui a oferta em 3,17 horas, mostrando que o segundo emprego não é uma alternativa para elevar o rendimento do domicílio, quando um de seus integrantes está desempregado. E cada criança a mais no domicílio aumenta 0,75 hora a oferta de trabalho no mercado secundário, ou seja, a oferta de trabalho no mercado secundário não é reduzida por crianças no domicílio.

Em relação ao Sul do país, o efeito de o trabalhador morar em outra região sobre a oferta de trabalho no mercado secundário é negativo, exceto no caso da região Nordeste. Em relação à região Sul, morar no Nordeste aumenta a oferta em 1,84 hora, morar no Norte diminui a oferta em 0,72 hora e morar no Centro-Oeste diminui a oferta de mão-de-obra em 2,95 horas. O efeito positivo para a região Nordeste pode se dar devido às condições de trabalho não satisfatórias, como argumentam Machado e Machado (2009).

Outras características que diminuem a oferta de trabalho no mercado secundário são morar na zona urbana ou em região metropolitana, as *dummies* têm efeito de -9,42 e -1,34 hora. Isso ocorre, provavelmente, porque nessas regiões os trabalhadores encontram empregos principais mais adequados às suas necessidades e preferências.

Sobre as características dos trabalhadores, um aumento de um ano de idade, eleva a oferta em 0,09 hora e o aumento de um ano de escolaridade tem impacto de 1,02 hora de trabalho, mostrando que, provavelmente, as habilidades e a experiência são importantes para o segundo emprego. Ser do sexo masculino causa uma queda de 2,59 horas na oferta de trabalho no mercado secundário, indicando que, possivelmente, a discriminação no emprego principal leve a mulher a ofertar mais horas de trabalho no mercado secundário.

Dessa forma, a oferta de trabalho no mercado secundário brasileiro, assim, como em outros países, é determinada pelas características socioeconômicas dos trabalhadores e pela restrição de horas no emprego principal, heterogeneidade das ocupações e estabilidade no primeiro emprego, sendo que a estabilidade tem efeito inverso ao esperado e, no Brasil, outra variável relevante encontrada é fato do trabalhador ser funcionário público.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou descrever os trabalhadores com um ou dois empregos, analisar o rendimento do trabalho controlando as habilidades dos indivíduos e estimar a oferta de trabalho no mercado secundário brasileiro, tomando para análise os dados das PNADs de 2004 a 2009.

Os resultados indicam que aqueles que têm dois empregos trabalham, em média, 78,40 horas por mês no segundo emprego, recebendo R\$ 12,93 por hora, e trabalham 158,73 horas no primeiro emprego, com rendimento de R\$ 10,29 por hora. O fato de os trabalhadores trabalharem menos horas no segundo emprego, relativamente ao emprego principal, apesar de ter maior rendimento no segundo emprego, revela que pode haver restrição de horas no segundo emprego ou ainda que o primeiro emprego talvez

seja mantido por garantir estabilidade, fornecer uma credencial para que o trabalhador tenha o segundo emprego ou ainda esteja associado a uma atividade prazerosa para o trabalhador.

A estimativa da oferta de trabalho para o mercado secundário mostrou que o número de horas e o rendimento do trabalho principal, assim como o rendimento do não trabalho têm efeitos negativos. Este resultado é esperado, pois quanto mais horas se trabalha no primeiro emprego, menor o tempo disponível para um segundo trabalho; o aumento no rendimento do emprego principal leva a substituição de horas no segundo emprego por horas de trabalho no primeiro emprego; e o aumento no rendimento do não trabalho pode causar a substituição de horas de trabalho no segundo emprego pelo lazer. Dessa forma, um emprego principal precário em termos de rendimento e a pouca flexibilidade da jornada de trabalho levam ao aumento do segundo emprego.

Por outro lado, a estimativa da oferta de trabalho no mercado secundário identificou efeitos positivos para o rendimento do segundo emprego, a heterogeneidade e a estabilidade. O maior rendimento do segundo emprego faz com que o trabalhador troque horas de trabalho no primeiro emprego ou de lazer para aumentar a oferta de trabalho no mercado secundário. A heterogeneidade está associada à obtenção de maior bem-estar por meio de empregos diferentes, assim quanto maior é a heterogeneidade, maior é a oferta de trabalho para o segundo emprego. Já o resultado da estabilidade é inverso do esperado e, os trabalhadores podem manter o emprego principal devido justamente à estabilidade, como os empregos públicos, e buscar o segundo emprego como forma de realização ou complementação da renda.

O segundo emprego, então, surge como uma forma de complementar a renda, obter bem-estar ou diminuir a insegurança no mercado de trabalho, sendo que, independente do motivo, é importante que haja política de flexibilização da jornada de trabalho. Dessa forma, o trabalhador poderá aumentar seu bem-estar escolhendo a combinação de horas do trabalho no primeiro e no segundo emprego e suas horas de lazer.

Espera-se, assim, contribuir para o entendimento do fenômeno do segundo emprego no Brasil. Futuros trabalhos podem explorar os efeitos de mudanças no mercado ao longo do tempo, além de incluir outras características dos trabalhadores e dos empregos.

## REFERÊNCIAS

AVERETT, S. L. Moonlighting: multiple motives and gender differences. *Applied Economics*, v. 35, n. 1, p. 162-179, 2001.

BEDI, A. S. Sector choice, multiple job holding and wage differentials: evidence from Poland. *Journal of Development Studies*, v. 35, n. 1, p. 162-179, out./1998.

BELL, D. N.; HART, R. A.; WRIGHT, R. E. Multiple Job-holding as a “Hedge” against Unemployment. Centre for Economic Policy Research Discussion Paper: No.1626, 1997. Disponível em: <<http://www.cepr.org/pubs/dps/DP1626.asp>> Acesso em: 10. nov. 2008.

BÖHEIM, R.; TAYLOR, M. P. And in the evening she’s a singer with the band – second jobs, plight or pleasure? Discussion Papers Series, nº 1081. Institute for the Study of Labor (IZA), 2004. Disponível em: <<ftp://repec.iza.org/RePEc/Discussionpaper/dp1081.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2008.

CONWAY, K. S.; KIMMEL, J. Male labor supply estimates and the decision to moonlight. *Labour Economics*, v. 5, p. 135-166, 1998.

FRIESEN, J. Overtime pay regulation and weekly hours of work in Canada. *Labour Economics*, v. 8, p. 691-720, 2002.

GUARIGLIA, A.; KIM, B. Y. Earnings uncertainty, precautionary saving and moonlighting in Russia. *Journal of Population Economics*, v. 17, p. 289-310, 2004.



- HEINECK, G.; SCHWARZE, J. Fly me to the moon: the determinants of secondary jobholding in Germany and the UK. Discussion Papers Series, nº 1358. Institute for the Study of Labor (IZA), 2004. Disponível em: <<ftp://repec.iza.org/RePEc/Discussionpaper/dp1358.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2008.
- KRISHNAN, P. The economics of moonlighting: a double self-selection model. Review of Economics and Statistics, v. 72, n. 2, p. 361-367, 1990.
- LUNDBORG, P. Job amenity and the incidence of double work. Journal of Economics Behaviour and Organization, v. 26, p. 273-287, 1995.
- MACHADO, D. C. ; MACHADO, A. F. Um aspecto da subocupação por insuficiência de horas de trabalho: a análise do desejo de trabalhar horas adicionais. Nota técnica IPEA. Mercado de trabalho, 33, p.15-19, jul./2007.
- MACHADO, D. C. ; MACHADO, A. F. A subocupação por insuficiência de horas de trabalho: a análise do desejo de trabalhar horas adicionais.. In: XIV Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Política 2009, 2009, São Paulo. XIV Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Política 2009, 2009.
- MENEZES, W. F.; CARRERA-FERNANDEZ, J. Necessidades e os condicionantes da segunda ocupação. Análise Econômica, Porto Alegre, v. 21, n. 39, p. 189-209, 2003.
- MENEZES, W. F.; CARRERA-FERNANDEZ, J. O caráter dual da segunda ocupação na Região Metropolitana de Salvador. Bahia – Análise & Dados, Salvador, v. 11, n. 1, p. 38-47, jun./2001.
- SHARMA, S. Applied multivariate techniques. Nova Iorque: J. Wiley, 1996. 493p.
- SHISHKO, R.; ROSTKER, B. The economics of multiple job holding. The American Economic Review, v. 66, n. 3, p. 298-308, jun./1976.
- THEISEN, T. Multiple job holding in Africa: the case of Tanzania. IZA / World Bank Conference – Employment and Development, 2006. Disponível em: <[http://www.iza.org/conference\\_files/worldb2006/theisen\\_t2720.pdf](http://www.iza.org/conference_files/worldb2006/theisen_t2720.pdf)> Acesso em: 10 nov. 2008.
- WOOLDRIDGE, J. M. Econometric analysis of cross-section and panel data. London: MIT Press, 2002.
- WU, Z.; BAIMBRIDGE, M.; ZHU, Y. Multiple job holding in United Kingdom: evidence from British Household Panel Survey. Discussion Papers in Economics, Nottingham Trent University, fev./2008. Disponível em: <[http://www.ntu.ac.uk/research/school\\_research/nbs/overview/working\\_papers/59912.pdf](http://www.ntu.ac.uk/research/school_research/nbs/overview/working_papers/59912.pdf)> Acesso em: 10 nov. 2008.

## APÊNDICE

Grupos de ocupações considerados para a criação da *dummy* de heterogeneidade:

Membros superiores e dirigentes do poder público  
Dirigentes de empresas e organizações (exceto de interesse público)  
Gerentes  
Profissionais policientíficos  
Profissionais das ciências exatas, físicas e da engenharia  
Profissionais das ciências biológicas, da saúde e afins  
Profissionais do ensino (com formação de nível superior)

Profissionais das ciências jurídicas  
Profissionais das ciências sociais e humanas  
Comunicadores, artistas e religiosos  
Técnicos polivalentes  
Técnicos de nível médio das ciências físicas, químicas, engenharia e afins  
Técnicos de nível médio das ciências biológicas, bioquímicas, da saúde e afins  
Professores leigos e de nível médio  
Técnicos de nível médio em serviços de transportes  
Técnicos de nível médio nas ciências administrativas  
Técnicos em nível médio dos serviços culturais, das comunicações e dos desportos  
Outros técnicos de nível médio  
Escriturários  
Trabalhadores de atendimento ao público  
Trabalhadores dos serviços  
Vendedores e prestadores de serviços do comércio  
Produtores na exploração agropecuária  
Trabalhadores na exploração agropecuária  
Pescadores, caçadores e extrativistas florestais  
Trabalhadores da mecanização agropecuária e florestal  
Trabalhadores da indústria extrativa e da construção civil  
Trabalhadores da transformação de metais e de compósitos  
Trabalhadores da fabricação e instalação eletroeletrônica  
Montadores de aparelhos e instrumentos de precisão e musicais  
Joalheiros, vidreiros, ceramistas e afins  
Trabalhadores das indústrias têxteis, do curtimento, do vestuário e das artes gráficas  
Trabalhadores das indústrias de madeira e do mobiliário  
Trabalhadores de funções transversais  
Trabalhadores das indústrias de processos contínuos e outras indústrias  
Trabalhadores de instalações siderúrgicas e de materiais de construção  
Trabalhadores de instalações e máquinas de fabricação de celulose, papel, papelão e artefatos  
Trabalhadores da fabricação de alimentos, bebidas e fumo  
Operadores de instalações de produção e distribuição de energia, utilidades, captação, tratamento e distribuição de água  
Outros trabalhadores elementares industriais  
Trabalhadores de reparação e manutenção mecânica  
Polimantenedores  
Outros trabalhadores da conservação, manutenção e reparação  
Militares da aeronáutica  
Militares do exército  
Militares da marinha  
Policiais militares  
Bombeiros militares  
Ocupações maldefinidas

Tabela 5. Número de trabalhadores da amostra com dois empregos por grupo ocupacional

		Emprego principal									Total
		grupo 0	grupo 1	grupo 2	grupo 3	grupo 4	grupo 5	grupo 6	grupo 7	grupo 8	
Emprego secundário	grupo 0	3	4	7	4	1	5	0	5	0	29
	grupo 1	46	751	604	316	176	266	294	198	0	2,651
	grupo 2	88	797	7.229	764	491	479	96	251	2	10,197
	grupo 3	93	318	777	2.344	401	686	132	373	1	5,125
	grupo 4	13	143	268	243	424	427	53	122	0	1,693
	grupo 5	219	438	590	1.067	1.034	6.940	1.499	2.173	2	13,962
	grupo 6	21	477	231	327	111	1.376	5.919	1.670	0	10,132
	grupo 7	89	199	203	399	238	2.012	1.419	1.646	0	6,205
	grupo 8	1	0	0	3	1	2	1	0	0	8
	Total	573	3.127	9.909	5.467	2.877	12.193	9.413	6.438	5	50.002

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da PNAD (2004-2009)

Tabela 6. Resultados da estimativa do logaritmo neperiano do rendimento médio por hora no trabalho secundário

	Observações	42.651
	F(16,42634)	2322,82
	Prob > F	0,0000
	R2	0,4820
	Root MSE	0,8818
Variáveis	Coefficiente	Erro padrão robusto
ln(rendimento por hora no emprego principal)	0,4533	0,0065 *
ln(idade)	0,3157	0,0154 *
Sexo	0,2882	0,0093 *
Branco	0,1275	0,0096 *
Escolaridade	0,0663	0,0014 *
Sudeste	-0,0124	0,0133
Nordeste	-0,1811	0,0140 *
Norte	-0,0207	0,0169
Centro-Oeste	0,0466	0,0175 *
Zona Urbana	0,1184	0,0141 *
Região metropolitana	0,0856	0,0095 *
2005	0,0664	0,0150 *
2006	0,0829	0,0148 *
2007	0,0406	0,0153 *
2008	0,0809	0,0151 *
2009	0,0705	0,0150 *
Constante	-1,0201	0,0605 *

\* Significante no nível de 1%

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da PNAD (2004-2009)

Tabela 7. Resultados da estimativa da heterogeneidade entre as ocupações do trabalho principal e trabalho secundário

	Observações	48.158
	LR Chi2 (19)	3097,01
	Prob > Chi2	0,0000
	Pseudo R2	0,0507
Variáveis	Coeficiente	Erro padrão
Idade	0,0004	0,0009
Sexo	0,5613	0,0216 *
Branco	-0,0021	0,0225
Escolaridade	-0,0623	0,0026 *
Horas de trabalho por mês no emprego principal	0,0026	0,0002 *
Horas de trabalho por mês no emprego secundário	-0,0016	0,0002 *
Rendimento por hora no emprego principal	-0,0008	0,0005 ***
Rendimento por hora no emprego secundário	-0,0002	0,0002
Sudeste	-0,1387	0,0315 *
Nordeste	0,1530	0,0321 *
Norte	0,0331	0,0397
Centro-Oeste	0,0308	0,0427
Zona Urbana	0,1523	0,0304 *
Região metropolitana	-0,2410	0,0225 *
2005	-0,0120	0,0357
2006	-0,0216	0,0354
2007	-0,0935	0,0358 ***
2008	-0,0645	0,0356 *
2009	-0,0818	0,0354 **
Constante	0,7388	0,0656 *

\* Significante no nível de 1%, \*\*\* Significante no nível de 10%

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da PNAD (2004-2009)